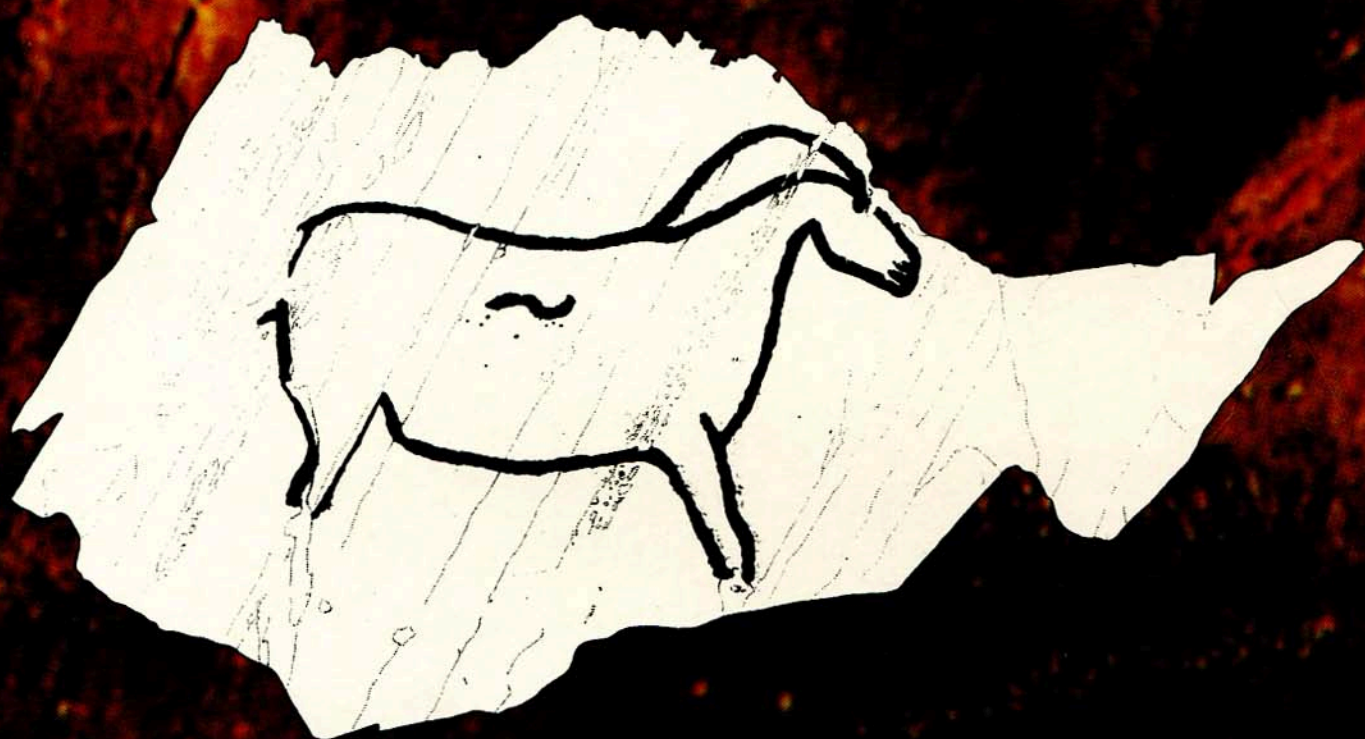


CÔA VISO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 0 • ANO DE 1998



EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

Memória antoniana no Concelho de Vila Nova de Foz Côa

– Comunicação apresentada no Congresso Internacional Pensamento e Testemunho

8.º Centenário do Nascimento de Santo António

ANTÓNIO JOSÉ REBELO FERRAZ *
JOÃO MÁRIO SOALHEIRO COSTA **

* Pároco de Freixo de Numão, Murça e Seixas, no concelho de Vila Nova de Foz Côa.

** Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional do Porto.

O trabalho que se apresenta resulta de um levantamento exaustivo efectuado nas dezassete freguesias que compõem o concelho de Vila Nova de Foz Côa. Todas as freguesias do Concelho fazem memória de Santo António, seja em capelas próprias do santo, seja ainda em capelas de outros santos titulares, ou nas Igrejas Paroquiais. A iconografia existente, escultura e pintura, cobre o período que vai do século XVII ao século XX, o que não anula, em nosso entender, o facto de o culto antoniano ser mais antigo. As populações locais, de resto, têm pelo Santo uma especial devoção, o que faz perpetuar a sua memória, nos dias que correm, em inúmeros painéis de azulejos que decoram as fachadas das moradias.

Das onze capelas antonianas do Concelho, que aparecem referidas em documentação diversa, restam nove. Apresentando uma grande diversidade de estilos, algumas delas marcam positivamente a arquitectura religiosa desta região, como acontece em Sebadelhe, Freixo de Numão e Vila Nova de Foz Côa.

A nível de Confrarias antonianas registam-se apenas três: em Almendra e, novamente, Freixo de Numão e Foz Côa, tudo dos séculos XVII-XVIII, de que restam (parcas) referências documentais. Não nos chegou qualquer documento próprio das mesmas.

Santo António aparece vestido com hábito franciscano, por vezes com capa e coroado por resplendor de prata, tendo ao colo, do lado esquerdo, o Menino sobre os Evangelhos e na mão direita uma cruz. Dois exemplares, ambos do século XVIII, apresentam a bolsa do pão, sobre o ombro esquerdo, com o Menino segurando na mão também um pão.

A par de algumas notícias com inegável interesse para a história local, o presente levantamento

do culto antoniano no Concelho de Vila Nova de Foz Côa pretende contribuir para um futuro roteiro da memória antoniana a nível nacional. Para mais facilmente se conseguir uma exposição unitária, agrupam-se as dezassete freguesias por núcleos que chamamos 'históricos'. Num primeiro ponto abordamos o *antigo concelho de Freixo de Numão*. Em seguida, as freguesias que de algum modo estiveram ligadas à Ordem de Cristo. Finalmente, a freguesia de Vila Nova de Foz Côa e seu termo.

DE NUMÃO AO ANTIGO CONCELHO DE FREIXO DE NUMÃO ¹

Em Numão ² o vetusto castelo domina altaneiro a paisagem circundante. Embora não sejam abundantes os documentos medievais que a Numão dizem respeito, aparece indubitavelmente referido no testamento de Dona Flâmula Rodrigues, de 960, e num inventário do mosteiro de Guimarães, datado de 1059.

Na idade Média Numão tinha cinco templos: S. Pedro, Santa Maria, S. Tiago, S. Vicente, S. Mamede. Num muro, do lado interior voltado a norte,

¹ A designação foi, pela primeira vez, assumida em título de obra por FERREIRA, João Albino Pinto, *Antigo Concelho de Freixo de Numão: memórias paroquiais do século XVIII*. Lisboa: Associação Lisbonense de Proprietários, 1974. O título viria a ser retomado por CASTELINHO, Joaquim Augusto, *O Antigo Concelho de Freixo de Numão*. Braga: Livraria Pax, 1991, onde publica de novo as memórias paroquiais sem a mínima referência ao trabalho do Dr. Pinto Ferreira.

² Cf. Sobre Numão continua a ter interesse a consulta de FERREIRA, João Albino Pinto, *Antiguidades de Numão*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos, 1953. Foi também publicado in Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto 16 (1953) 193-281.

da capela de Santa Maria intra-muros — datável de finais do século XIII, princípios do século XIV, e que serviu de matriz efectiva até ao século XVI, permanecendo como matriz honorífica até à primeira metade do século XIX — encontrámos um fresco de um Santo franciscano, de rosto bastante jovem, que será de identificar muito possivelmente com Santo António. Datará do século XVI, finais, ou provavelmente do século XVII. Já na actual matriz, extra-muros, à volta da qual cresceu o casario, encontra-se na parede do corpo da igreja, lado direito, um altar dedicado a Santo António, de rosto sorridente, trabalho dos finais do século XVIII. Ainda no termo de Numão, na famosa Quinta do Vesúvio, regista-se a presença de Santo António na Capela de Nossa Senhora da Conceição, em trabalho de finais do século passado, possivelmente.

A perda do carácter estratégico que o castelo representava para a defesa da zona significou para a vila numantina, a partir do século XVI, uma decadência que se faria sentir cada vez mais nos séculos seguintes, perdendo para Freixo de Numão os seus privilégios municipais.

A ligação histórica da freguesia de **Custoias** ao Castelo de Numão³ prova-se à evidência na própria toponímia. O alto do Viso foi, durante a Idade Média, importante atalaia. A antiga igreja matriz, dedicada a S. João Baptista, apenas regista a presença de Santo António através dos missais, datando os mais antigos de seicentos. A mesma matriz, que a iluminação doutra de certa pessoa com responsabilidades, há pouco acrescidas, quis literalmente apagar para construir em betão a 'memória' de toda uma comunidade, foi carinhosamente recuperada com o engenho e a dedicação da boa gente de Custoias. A configuração actual resulta de intervenções levadas a cabo ao longo dos séculos XVII e XVIII, mas a pia baptismal revela-se inequivocamente como um dos testemunhos mais eloquentes da sua antiguidade. Apresenta na capela-mor e nos altares junto ao arco cruzeiro um bom trabalho de talha, finais de seicentos, princípios da centúria seguinte, embora por acabar. Na Capela de Santa Bárbara encontra-se um Santo António, ali colocado recentemente.

Horta foi criada vila com D. Dinis, permanecendo com jurisdição autónoma até à segunda metade do século XVII. A partir desta data é anexada a Freixo de Numão, mantendo, muito embora, o título de vila. O património religioso reduz-se à antiga matriz, hoje praticamente abandonada, e à capela de Nossa Senhora dos Prazeres, datada de 1640. Na igreja antiga, datável do século XVII, tal como se apresenta actualmente, Santo António, em escultura também seiscentista, ocupa o lado direito

do altar-mor. Na referida capela da Senhora dos Prazeres, encontra-se um painel antoniano, pintura a óleo sobre madeira, da mesma época. Esta capela conheceu, em 1990, uma intervenção de restauro.

Cedovim⁴ contou com Foral dado por D. Afonso III a 5 de Fevereiro de 1271, mas a sua autonomia municipal era um facto já na primeira metade do século XIII, pelo menos. Foi renovado por D. Manuel I em 15 de Dezembro de 1512⁵. A reforma administrativa de 1836 veio integrar Cedovim no antigo concelho de Freixo de Numão até 1853, tendo, então, passado para o de Vila Nova de Foz Côa.

A nível eclesiástico foi Abadia do padroado real, passando, com D. Dinis, a ser apresentada alternadamente pelo Rei e pela Mitra de Lamego, em troca de dois capelães postos pelo ordinário na capela dos Reis na Sé Catedral⁶. Conheceu o apogeu arquitectónico e artístico nos séculos XVII e XVIII, com a construção da Capela de Nossa Senhora do Amparo, datada de 1675, da capela de Nossa Senhora do Rosário, também seiscentista, do solar dos Teixeira de Aguiar, meados do século XVIII, da reconstrução da matriz quinhentista, fortemente abalada com o terramoto de 1755⁷. Todavia, as obras já vinham de trás. A sacristia em serviço, do lado norte, foi contratada com Manuel Gonçalves, mestre pedreiro, natural da Província do Minho, pelo preço de 240.000 réis. A arrematação tivera lugar em Lamego, lavrando-se escritura de fiança, dada por Francisco de Magalhães, a 9 de Fevereiro de 1738, em Cedovim. Da escritura fazem parte os respectivos apontamentos⁸.

Do século XVII data a instituição da capela de Santo António, agora da paróquia, pelo Padre André Fernandes Coelho. A este respeito deixou testamento de 13 de Agosto de 1679 e codicilo de 1 de Março de 1680, tendo vinculado toda a sua fazenda com a obrigação de doze missas anuais⁹. No seu interior retábulo singelo e uma escultura de

⁴ Também Cedovim viu recentemente a sua história ser publicada em monografia. Cf. FEGO, Francisco de Jesus, *Cedovim: Memória da Terra e das Gentes: subsídios para a sua história*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, 1995.

⁵ Cf. COIXÃO, António do Nascimento Sá; TRABULO, António Alberto Rodrigues, *Evolução político-administrativa na área do actual concelho de Vila Nova de Foz Côa: Séculos XII a XX*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, 1995, p. 33-34; 164-168.

⁶ Cf. *LIVRO das Igrejas e Capelas do Padroado dos Reis de Portugal*. 1574. Intr. de Joaquim Veríssimo Serrão. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian; Centro Cultural Português, 1971, p. 55.

⁷ Cf. COSTA, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e Cidade de Lamego*. Vol. 4. Lamego 1984, p. 135.

⁸ Cf. Arquivo Distrital da Guarda (=ADGuarda): Cedovim: Fundo Notarial: *Livro de Notas do Tabelião Inácio Coelho*, fl. s/n.

⁹ Cf. Arquivo Diocesano de Lamego (=ADLamego): *Instituições de capelas do Distrito da Serra*: 1650-1685, fl. 136v-138v.

³ Cf. ID., *Custoias, território de Numão no séc. XII*. Comunicação apresentada ao Congresso Histórico de Portugal Medieval. Braga, 1959.

Santo António, popular, também da época. Nos finais do século XVIII pertencia a Felix Manoel, da Vila da Meda, observando D. Joaquim de Azevedo, antigo pároco de Cedovim, que dada a proximidade das eiras, “podia servir para terem missa os que no verão vão assistir às eiras”¹⁰.

Na aludida capela de Nossa Senhora do Amparo, mandada construir pelo desembargador Manoel da Fonseca de Azevedo e que apresenta um belo retábulo, mas em adiantado estado de degradação, encontra-se uma escultura do Santo, igualmente seiscentista.

A história da freguesia de **Sebadelhe**, nesta época, está indelevelmente marcada pela acção da família do Amaral Pinto Donas Boto. António do Amaral Rodrigues foi vigário de Sebadelhe de 1708 a 1763. Sua irmã Dona Maria Madalena do Amaral casou em 1725 com António de Aguiar Sequeira Pinto Donas Boto, natural de S. João da Pesqueira. Foram seus filhos: José António Pinto Donas Boto, Desembargador Corregedor do Cível e da Casa da Suplicação, em Lisboa¹¹. António José Pinto Donas Boto, que substituiu o tio à frente dos destinos da paróquia de 1763 a 1767. Miguel Jerónimo do Amaral Pinto da Fonseca Donas Boto, pároco de Sebadelhe de 1767 a 1813. Finalmente, Dona Thezeza de Jesus Pinto Donas Boto, última representante da família.

Em 2 de Dezembro de 1748 o Vigário António do Amaral Rodrigues, António de Aguiar Donas Boto e sua mulher instituíram um vínculo de capela em favor dos sobrinhos e filhos. Tinha como única obrigação uma missa anual em dia de Santo António, após a morte do vigário¹². Segue-se a construção da capela de Santo António, adossada à casa da família, na Praça. Apresenta um belo retábulo, encimado por brasão, bem como tecto artisticamente pintado, tendo ao centro também um brasão. “Dentro da sua Capella de Santo António” foi sepultada Dona Madalena do Amaral, falecida a 11 de Dezembro de 1771¹³.

Ao Reitor Miguel Jerónimo se deve a construção da actual matriz. A quinhentista ruiu em Dezembro de 1774, e não em 1755, como trazem todos os autores que ao assunto se referem. Financiou do seu bolso a construção do corpo da igreja, depois de o bispo de Lamego ter sustentado um longo

litígio com a Universidade de Coimbra, que apenas custeou as despesas relativas à capela-mor, sacristia e metade do arco cruzeiro¹⁴. Sob o seu reitorado fez-se, entre 1767 e 1774, a reconstrução da capela de S. Sebastião. No retábulo, do lado esquerdo, temos uma escultura de Santo António, trabalho popular do século XVIII.

Antiga granja e depois couto do mosteiro de S. João de Tarouca, **Touça** foi vila até 1836, apesar dos seus escassos habitantes. Conserva-se um único livro notarial deste concelho, dos inícios do século XIX. Esteve anexada a Freixo de Numão, no que diz respeito à jurisdição eclesiástica, até 1793. Nesta data o povo elege o seu primeiro cura, depois de ter obtido três sentenças favoráveis no Juízo eclesiástico de Lamego, no Tribunal Patriarcado e no Tribunal da Nunciatura, como nos testemunha Joaquim de Azevedo¹⁵. De qualquer modo, a consulta de um Auto de reconhecimento da Igreja de Freixo de Numão, feito em 1750, permite dizer que já nesta data se tentava a separação de Freixo, pois o Vigário Vaz Dias refere a pretensão dos habitantes da vila da Touça¹⁶. A Universidade de Coimbra arbitrou para a cõgrua do pároco, ora eleito, a quantia de 60.000 réis. Vários são, também, os papéis referentes a paramentos então encomendados para a nova paróquia pela fazenda universitária¹⁷. Foi primeiro pároco da Touça o Padre Manuel Ignacio Fonseca Nogueira, tendo escolhido para orago Nossa Senhora da Pureza, o povo da Touça tem em Santo António, nos dias que correm, o seu grande patrono. A ele é dedicada, todos os anos, a festa local. O carinho das gentes da Touça fica ainda bem demonstrado no belo monumento há pouco erguido à entrada da freguesia, quem vem da vila da Meda.

Freixo de Numão herda o nome e a história do vetusto Castelo de Numão, aparecendo como sede de residência dos Juizes de Fora, primeiro, e sede efectiva do concelho, logo em seguida, em pleno século XVII¹⁸. Um acontecimento que lhe é anterior, mas que marcará Freixo até 1833, é a união ao padroado da Universidade de Coimbra, que teve lugar em 14 de Março, não de 1538, como trazem habitualmente os autores, mas de 1537¹⁹.

¹⁴ Cf. *Exposição 'Sebadelhe: o encanto da memória'*, 10-30 de Setembro de 1994. Catálogo org. por João Mário Soalheiro Costa. Porto: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 1994, p. 11-15.

¹⁵ Cf. AZEVEDO, *Historia ecclesiastica*, p. 189.

¹⁶ Cf. SOALHEIRO, João, *S. Pedro de Freixo de Numão em 1750*. O Fozcoense. Agosto 1994, p. 18.

¹⁷ Cf. Arquivo da Universidade de Coimbra (=AUC): *Provisões e Ordens da Junta da Fazenda para Tras-os-Montes e Beira Alta*: 1789-1806, fl. 357v-358r; 373r.

¹⁸ A Freixo de Numão dedicou o Dr. Pinto Ferreira um notável estudo monográfico. Cf. FERREIRA, João Albino Pinto, *Freixo de Numão: apontamentos*. Porto: Marânus, 1954.

¹⁹ Cf. AUC: *Pergaminhos*: Breve Apostólico de 14 de Março de 1537.

¹⁰ AZEVEDO, Joaquim de, *Historia ecclesiastica da Cidade e Bispado de Lamego*. Porto: Typ. do Jornal do Porto, 1878, p. 187.

¹¹ Cf. FERREIRA, João Albino Pinto Ferreira, *Alexandre Herculaniano em terras numantinas (1853)*. In Colóquio 'A História Portuguesa de Alexandre Herculaniano até 1950'. *Actas*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1978, p. 74, citado na carta de brasão de armas de Manuel de Seixas Moutinho.

¹² Cf. ADGuarda: Freixo de Numão: Fundo Notarial: *Livro de Notas do Tabelião Brás Ferreira do Amaral*: 1742-1749, fl. 185v-189v.

¹³ Encontra-se em fase de estudo a apresentação de candidatura ao Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico para classificação do imóvel.

A Igreja Matriz veio substituir uma capela medieval que estava anexa à Capela de S. Pedro em Numão²⁰. Em 1711 inicia-se o processo da obra de talha dourada da matriz, tendo sido arrematada pelo mestre escultor João de Lima, natural de Moimenta da Beira, pela quantia de cento e dez mil réis o retábulo, que pertencia à Universidade, e de noventa mil réis a tribuna, às custas do povo²¹. A obra devia estar concluída em Agosto de 1712, mas acabou por se arrastar ao longo de décadas. O terramoto de 1755 terá danificado significativamente a matriz, como nos dá conta o vigário António Vaz Dias na memória que assinou em 20 de Junho de 1758²². Todavia, e tendo em conta o que aconteceu com Sebadelhe e Mós, cujos processos de (re)construção das igrejas foram subsidiados pela Universidade, a ausência da mais leve referência a obras na capela mor com o alcance de uma reconstrução, leva-nos a concluir que o terramoto terá afectado essencialmente o corpo da igreja.

Quanto a edifícios religiosos apontamos as capelas de Nossa Senhora da Carvalha, Santa Bárbara, S. Sebastião, Santo António e Nossa Senhora da Conceição, mandada construir em 1654, pelo Capitão-mor António P. C. Henriques. A nível civil o destaque vai para o Solar da família Amaral, Moutinho, Sousa e Vasconcelos, construção da segunda metade do século XVIII, sendo ainda de referir o notável pelourinho e a Câmara, hoje habitação particular. Tendo sido extinto o concelho de Freixo de Numão, em 31 de Dezembro de 1853, a Câmara de Vila Nova de Foz Côa vendeu o edifício camarário em 1867. A compra foi feita pelo Padre António Joaquim da Costa, único arrematante que se apresentou à venda em hasta pública, pela quantia de 201.000 réis²³.

A Capela de Santo António, no lugar da Silveira, encontra-se adossada ao cemitério local. Data de 1622. Apresenta uma elegante frontaria de granito aparelhado, com elementos decorativos típicos de seiscentos, como sejam a cruz arvoreada e a jaculatória LOUVADO SEJA O SANTÍSSIMO SACRAMENTO. Tinha Confraria que aparece referida no legado pio de Isabel Fernandes, falecida a 18 de Novembro de 1662²⁴. Segundo o *Auto de Reco-*

nhecimento de 1750 ainda se encontrava em funcionamento, pois havia confrarias em todas as capelas, presidindo o próprio pároco à eleição anual do juiz²⁵. A Capela viu-se ainda envolvida nas lutas entre republicanos e monárquicos logo após ter sido secularizada, em virtude da Lei da Separação²⁶.

Seixas era curato anexo ao chantrado da Sé de Lamego, tendo S. Martinho por orago. Na Igreja paroquial, que também sofreu obras na segunda metade do século XVIII, conserva-se um missal seiscentista que leva a seguinte inscrição: “pertence à capella de Santo António — 1706”. Esta capela data de 1694, sendo da mesma época a escultura do Santo. O retábulo apresenta dois painéis dedicados a Santa Luzia e a Santa Bárbara. Em 1759 foi erecta na paróquia a Confraria das Almas, de que resta o *Livro da Instituição*. Da arquitectura civil destaca-se, entre a simplicidade alva e o xisto do casario, o solar dos Aguilares.

Mós²⁷ foi capelania anexa a S. Pedro de Numão, tal como aconteceu com Freixo, durante a Idade Média. Deve ter-se constituído em paroquial pelos finais do século XV, inícios do seguinte. Era vigararia da apresentação dos fregueses, tal como Sebadelhe, presidindo à eleição o Juiz de Fora do Concelho²⁸. A cônica estava a cargo da Universidade. A igreja sofreu obras no último quartel do século XVIII, existindo ainda a planta da capela mor, datada de 1780²⁹. Aconteceu que a Universidade fez arrastar o processo, tendo o povo terminado o corpo da igreja antes da capela mor, com largos anos de intervalo e pedidos insistentes para se concluir a obra. D. Manuel de Vasconcelos Pereira, visitando a paróquia em 14 de Junho de 1774 deixou consignado em capítulo: “Ao reverendo pároco e povo louvamos muito o zelo com que se tem empregado na obra da Igreja e como esta vai a concluir-se, e se faz indispensável capella mor e sacristia por estar em total ruína as que ha de não admetir reparo algum e a Universidade (...) mandar proceder á referida obra”. O certo é que, fazendo-se nova visita em 10 de Julho de 1780, se regista de novo a necessidade

²⁰ Cf. AUC: Inventário dos bens, passais, ornamentos e alfaías de culto das igrejas da Universidade no Bispado de Lamego e do Porto, feito pelo Lente Manuel de Andrade. 1550-1623: *Inventário dos ornamentos e cousas do serviço da ygreja de são pedro do lugar de freixo de nemão*. 27 de Agosto de 1550. Liv. 3.º, fl. 35v-39r.

²¹ Cf. COSTA, João Mário Soalheiro, *A Igreja de S. Pedro de Freixo de Numão no século XVIII: as obras e os documentos*. Trabalho a ser publ. na Revista Museu, Porto (1996).

²² Cf. COIXÃO, António do Nascimento Sá; TRABULO, António Alberto Rodrigues, *Por terras de Foz Côa: subsídios para a história, estudo e inventário do seu património*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, 1995, p. 248-249.

²³ Cf. Arquivo da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa: *Livro de Escrituras: 1865-1874*, fl. 6r-7r.

²⁴ Cf. ADLamego: Freixo de Numão: Fundo Paroquial: *Óbitos 1627-1692*, fl. 160r.

²⁵ Cf. SOALHEIRO, S. Pedro de Freixo de Numão em 1750, p. 18.

²⁶ Cf. COIXÃO, António do Nascimento Sá; TRABULO, António Alberto Rodrigues, *A Primeira República no concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, 1993, p. 94-96.

²⁷ Mós tem também uma monografia histórica. Cf. CASTELINHO, Joaquim Augusto, *São Pedro de Mós do Douro*. Porto 1976.

²⁸ Cf. AUC: Freixo. Tombo de 1750: *Auto de reconhecimento (...) da Igreja de São Pedro de As Mos*. fl. 37v.

²⁹ Cf. AUC: Igreja de Sebadelhe, Touça e Mós: *Planta e espedado da Cap.la mor com seus presp.tos da p.te do meio dia e norte da Igreja de São Pedro das mos de Freixo de Numão q.e mandou fazer a Und.e de Coimbra no anno de 1780*. 1 fl.

da capela-mor e sacristia ³⁰. A paróquia conta com duas capelas de Santo António. Uma na povoação, talvez do século XVII e retocada no seguinte, com um retábulo pintado sem qualquer gosto há uma vintena de anos. A segunda está situada no lugar da Estação e foi inaugurada em 12 de Junho de 1983. A escultura de Santo António está datada de 1892, tendo sido produzida no Porto pelo escultor A. A. Estrela.

No campanário da matriz de **Murça** fomos encontrar um alto-relevo de Santo António num sino datado de 1807. A construção da matriz deve ter-se iniciado ainda em finais do século XVI, pois apresenta sobre a porta principal a data de 1602, como alguém menos atento quis fazer crer ao pintar os números. Conta com a presença do Santo António, numa bela escultura do século XVII, no altar-mor, do lado direito. A paróquia foi, também, da apresentação do Chantre de Lamego. Na freguesia existem capelas de Nossa Senhora da Esperança e de S. João, esta em ruínas, mas bem merecedora dos cuidados de quem de direito.

Com a freguesia de **Santo Amaro** encerra-se o termo do antigo concelho de Freixo de Numão. Chamava-se, na Idade Média, Santa Maria de Val de Boi, passando a Santo Amaro de Val de Boi, pelo século XVI, para actualmente ser designada simplesmente por Santo Amaro. Foi curato da apresentação do reitor de Freixo de Numão, tendo-se contratado por escritura pública em 1557, segundo informa Gonçalves da Costa ³¹, a erecção da paróquia. A matriz guarda, no altar-mor, do lado direito, uma bela escultura setecentista de Santo António com a bolsa do pão sobre o ombro.

PRESENÇA DA ORDEM DE CRISTO NAS FRONTEIRAS DO CÔA

Longroiva era cabeça de uma Comenda da Ordem de Cristo a que estavam associadas as vilas de Meda e Muxagata, bem como as freguesias de Santa Comba e Fonte Longa. Nesta data **Chãs** ³² era apenas um lugar de Longroiva. Passa, entretanto, de capelanía a paróquia de S. Caetano. Perdeu, já nos nossos dias e em favor do betão, uma das poucas referências do seu passado, a antiga matriz. A capela de Nossa Senhora da Assunção conserva uma escultura de Santo António, datável do século XVIII.

Muxagata era vigararia da Ordem de Cristo, tendo ainda coadjutor da Ordem, e tesoureiro, posto pela Mesa da Consciência. Encontram-se nesta paróquia diversas referências à memória

antoniana cultivada ao longo de séculos. A matriz, cuja traça quinhentista é bem patente na sua estrutura, apresenta na capela-mor um rico trabalho de talha dourada, que se estendia aos altares laterais e mesmo ao arco cruzeiro. Um incêndio fez perder grande parte da talha destes últimos, bem como o tecto do corpo da igreja, em caixotões. Estas obras, executadas pelo segundo quartel de setecentos, fariam desaparecer os frescos quinhentistas que se estendiam inclusive por grande parte do corpo da igreja ³³. No tecto da capela-mor, também em caixotões, encontra-se, entre outras, uma pintura a óleo representando Santo António. Na sacristia conserva-se uma escultura, do século XVII, trabalho de características populares. Ao culto, no altar esquerdo junto ao arco cruzeiro, nova escultura do Santo, possivelmente de finais do século XVIII, ou já do século seguinte. Joaquim de Azevedo dá conta de ter aqui existido capela dedicada ao Santo, administrada, nos finais do século XVIII, pelo morgado da casa do Paço, em Lamego ³⁴. Dos seus tempos de vila ficou um bom número de livros notariais.

Santa Comba tinha, também na Ordem de Cristo, vigário e coadjutor. Na freguesia existem capelas de S. Sebastião, Nossa Senhora da Saúde, Nossa Senhora da Penha e Santo António. A escultura do Santo, trabalho delicado quanto aos ornamentos dourados sobre a policromia, apresenta a bolsa do pão, tal como acontece na paróquia de Santo Amaro. A freguesia veio a integrar o concelho de Marialva, por extinção da vila de Longroiva, tendo transitado para o concelho de Vila Nova de Foz Côa em 1855 ³⁵.

Um dos assuntos por arrumar na história de **Almendra** prende-se com a questão da diocese visigótica de Calábria. Alguma coisa foi sendo escrita ao longo dos tempos, acumulando ditos, por vezes até eruditos, mas sem se poder daí tirar a limpo a «verdade» da cidade episcopal ³⁶. Continuamos, por isso, a aguardar a intervenção dos arqueólogos.

Almendra e Castelo Melhor fizeram de mãos dadas a sua história. Foram integradas no território português com D. Dinis (1297). Tornaram-se seus donatários os Condes e, depois, Marqueses de Castelo Melhor ³⁷. Do seu vasto e, em geral, bem conservado património, avulta a igreja-fortaleza, dedicada a Nossa Senhora dos Anjos e o solar do Visconde do Banho.

³³ Cf. DIAS, Pedro, *Visitações da Ordem de Cristo de 1507 a 1510: aspectos artísticos*. Coimbra 1979, p. 21.

³⁴ Cf. AZEVEDO, *Historia ecclesiastica*, p. 174.

³⁵ Cf. COIXÃO, *Por terras de Foz Côa*, p. 348.

³⁶ CABRAL, A. A. Dinis, *História da Cidade de Calábria em Almendra: subsídios*. Studium Generale. 9 (1962) 138-158. Também, Porto: Casa Regional da Beira-Douro, 1963.

³⁷ Cf. SOUSA, D. Gonçalo de Vasconcelos e, *Subsídios para o levantamento do património construído de Almendra*. Porto: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 1993, p. 11; 51-59.

³⁰ Cf. AUC: *Registo dos capitulos de vezita*: As Mos. 20-5-1783, fl. 216r.

³¹ Cf. COSTA, *História de Lamego*, vol. 4, p. 165.

³² Cf. TRABULO, Joaquim, *Chãs de Foz Côa: a sua história, a sua gente*. 1992.

Da Comenda de Santa Maria de Almendra, da Ordem de Cristo, conservam-se dois *Tombos*, datados de 1609 e 1720. Deste último existe uma cópia na posse do Arq. Jorge de Brito e Abreu, como nos dá conta D. Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, sendo aí referido o altar de Santo António, «de quem tem huma Imagem de vulto, posta em hum Retabollo aselamonica douro (...)»³⁸. Neste altar estava erecta a Irmandade de Santo António, segundo informação de D. Joaquim de Azevedo, em finais do século XVIII³⁹.

Em **Castelo Melhor** encontram-se duas obras notáveis. O Castelo, de fundação talvez já do século IX-X. A matriz, com a sua elegante frontaria, completamente refeita no século XVIII, dedicada ao Espírito Santo. Na sacristia guarda-se uma escultura de Santo António que ocupou, até há pouco tempo, o altar direito junto ao arco cruzeiro. Foi substituída por outra escultura, feita em Braga, e nitidamente desproporcionada ao retábulo que a acolhe, por excesso. O pároco fora da apresentação do reitor de Almendra. Além das capelas de S. Miguel, Santa Bárbara e Nossa Senhora da Conceição, tinha no seu termo, nos meados do séc. XVIII, uma capela de Santo António que pertencia a Jacinto Lopes, do lugar de Carnicães, segundo nos informa João Pinto da Fonseca, autor das memórias de 1758⁴⁰.

VILA NOVA DE FOZ CÔA E O SEU TERMO

Hoje amplamente conhecida pelo seu património arqueológico, **Vila Nova de Foz Côa** tem vindo, nestes últimos anos e com o estímulo da Câmara Municipal, a dar uma grande atenção à sua história e ao seu património cultural, na certeza de estar no caminho certo. Assim, sucedem-se as publicações de simples divulgação ou de investigação profunda, que muito contribuem para o melhor conhecimento da história local⁴¹. António do Nascimento Sá Coixão tem sido, a múltiplos títulos, o rosto dessa redescoberta da história fozcoense.

A povoação consegue de D. Dinis dois forais, em 1299 e 1314, permanecendo como vila sobre si, sem outro termo, até à primeira metade do século XIX, não sem ter visto, entretanto, D. João I reduzi-la a aldeia e premiar com ela a fidelidade da eterna rival além Douro, Torre de Moncorvo⁴². Pelas diversas reformas administrativas do século passado são-lhe agregados os extintos concelhos

de Freixo de Numão, Muxagata, e Almendra, ganhando por volta de 1872 a sua extensão actual. Os conflitos sócio-políticos foram aqui sempre muito vivos. Basta recordar a história dos Marçais⁴³.

Uma das figuras da terra, ignorada até agora, foi o Doutor Manuel Alves Pereira Grandão, Chantre da Sé Primacial de Goa. Fez testamento naquela cidade em 20 de Janeiro de 1757, revogando o que deixara feito em Torre de Moncorvo antes da sua partida para a Índia. Os seus herdeiros fizeram transcrever o testamento na então vila de Almendra⁴⁴.

O património construído de Foz Côa é bastante pobre no que toca a edifícios solarengos, destacando-se, ainda assim, a casa do Conde de Pinhel e a da Viscondessa de Foz Côa. Ao contrário, a nível religioso apresenta uma matriz das mais artísticas do Bispado de Lamego, patrocinada por D. Manuel I. No interior, rica talha decora a capela-mor, cujo nível não é acompanhada pelo trabalho das naves laterais. Ainda na capela-mor encontram-se cinco tábuas possivelmente quinhentistas, com cenas da Paixão, a que se deve juntar uma sexta, retirada para a sacristia e que antes ocupava o lugar da fresta, aberta do lado direito. Capelas, tem-nas para todos os gostos. Senhora de Aldeia Nova, Senhora da Conceição, S. Sebastião, Santa Quitéria, com bons azulejos do século XVII, Senhora do Amparo ou Azinhate, Senhor dos Aflitos, S. Pedro, Santa Bárbara, Santo António, todas na vila. Tem, ainda, no lugar de Cortes da Veiga a Capela de Nossa Senhora da Veiga, a grande devoção dos fozcoenses, bem como capela na comunidade do Pocinho. Na Quinta da Bela Vista, capela de Santo António, instituída neste século, como adiante se refere.

A Capela de Santo António, no largo de S. Miguel terá sido construída na década de oitenta no século XVIII, a avaliar por uma inscrição num cunhal e que se encontra raspada, não sendo possível descobrir o(s) seu(s) promotor(es). Apresenta artística frontaria. No interior, dois altares laterais, no corpo, com boas esculturas de Santa Ana e S. Joaquim.

Entre a Paróquia e a Câmara Municipal estala a polémica a propósito de obras de restauro⁴⁵. Todavia, o agudizar da questão vai atingir o auge com a implantação da República e a consequente Lei de Separação. Dado que a Capela de Santo António se encontrava anexada ao cemitério local,

³⁸ ID., *Subsídios para a história (...) de Almendra*, p. 34 e nota 78.

³⁹ Cf. AZEVEDO, *Historia ecclesiastica*, p. 198.

⁴⁰ Cf. COIXÃO, *Por terras de Foz Côa*, p. 176.

⁴¹ É o caso do trabalho pioneiro de TRABULO, Márcia, *Elementos para uma monografia de Vila Nova de Foz Côa*. (s.l.): Câmara Municipal; Junta de Freguesia de Vila Nova de Foz Côa, 1984.

⁴² Cf. ID., *Evolução política*, p. 133-138.

⁴³ Cf. COSTA, Sousa, *Páginas de sangue: Brandões, Marçais & C.* Lisboa; Rio de Janeiro, 1919. ANDRADE, José S. de Campos Henriques Salgado, *A Quadrilha dos Marçais*. Porto 1938.

⁴⁴ Cf. ADGuarda: Almendra: Fundo Notarial: *Livro de Notas do Tabelião João Guerra Sanches*, fl. 28r-31r.

⁴⁵ Cf. Arquivo Paroquial de Vila Nova de Foz Côa: *Livro de Actas das Sessões da Junta da Paróquia de Vila Nova de Fozcôa: 1860-1877*: Acta de 14 de Junho de 1863, fl. 9r-10r, por exemplo.

foi secularizada, sendo o Santo retirado para a matriz. Entretanto, os partidários da Monarquia aproveitam a questão para fazer exaltar os ânimos. Os protestos engrossam, circulam abaixo assinados, as manifestações sucedem-se, há invasões da Câmara Municipal, interrupção de sessões camarárias, caos da ordem pública. Passa a polémica para os jornais de intervenção local e distrital (Guarda), não sendo travados minimamente os ataques pessoais, principalmente dirigidos contra o republicano Pires de Vasconcelos, presidente da Câmara e depois deputado. O caso termina com o restabelecimento do culto na Capela de Santo António e a entronização do Santo com pompa e circunstância ⁴⁶.

No lugar de Cortes da Veiga situa-se a Capela de Santo António da Quinta da Bela Vista. Foi instituída pelo Padre António Augusto de Almeida, pároco de Santo Amaro, e pelo Sr. Abílio José de Almeida. O processo abre em 1945, com petição dirigida ao Bispo de Lamego, datada de 7 de Agosto. Após averiguação das condições, constantes dos *Autos da visita canónica* à dita capela, D. Ernesto Sena de Oliveira assinou a respectiva provisão de licença ⁴⁷.

APÊNDICE: ICONOGRAFIA ANTONIANA

1. SANTO ANTÓNIO (?), pintura
Fresco sobre muro interior
Século XVI-XVII (?)
Capela de Santa Maria, do Castelo de Numão
2. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada
Século XVII, segunda metade
Capela de Nossa Senhora do Amparo (1654), Cedovim
3. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada
Século XVII
Capela de Santo António, Cedovim
4. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada
Século XVII
Antiga Igreja Matriz da Horta, altar-mor
5. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada
Século XVII
Capela de Santo António (1622), Freixo de Numão
6. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada e dourada
Século XVII
Igreja matriz de Murça, altar-mor

7. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada
Século XVII
Capela de Santo António, Seixas
8. SANTO ANTÓNIO, pintura
Óleo sobre madeira
Século XVII
Capela de Nossa Senhora dos Prazeres, Horta
9. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada
Século XVII
Igreja Matriz de Muxagata, sacristia
10. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada
Século XVII
Igreja Matriz de Castelo Melhor, sacristia
11. SANTO ANTÓNIO, pintura
Óleo sobre madeira (?)
Século XVIII
Igreja Matriz de Muxagata, tecto da capela-mor
12. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada
Século XVIII, finais
Igreja Matriz de Numão, altar lateral.
13. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada
Século XVIII
Capela de S. Sebastião, Sebadelhe
14. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada
Século XVIII
Igreja Matriz de Santo Amaro, altar-mor
15. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada
Século XVIII
Capela de Santo António, Mós do Douro
16. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada
Século XVIII.
Capela de Nossa Senhora da Assunção, Chãs
17. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada e dourada
Século XVIII
Capela de Santo António, Santa Comba
18. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada
Século XVIII
Capela de Santo António, Vila Nova de Foz Côa
19. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada.
Século XVII
Igreja Matriz de Almendra, altar-colateral
20. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada
Século XVIII-XIX
Igreja Matriz da Touça, altar-mor
21. SANTO ANTÓNIO, alto-relevo em sino
1807
Igreja Matriz de Murça, campanário

⁴⁶ Cf. COIXÃO, *A Primeira República*, p. 94-96.

⁴⁷ Cf. ADLamego: Erecção de Capelas. *Processos*: Capela de Santo António na Quinta da Bela Vista. Papéis vários.

22. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada
Século XIX
Capela de Nossa Senhora da Conceição,
Quinta do Vesúvio, Numão

23. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada
1892
Porto: Escultor A. A. Estrela
Capela de Santo António, Mós do Douro,
Lugar da Estação (CP)

24. SANTO ANTÓNIO, escultura
Terracota (?)
Século XX
Capela de S. Sebastião, Freixo de Numão

25. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada
Século XX
Igreja Matriz de Muxagata, altar-colateral

26. SANTO ANTÓNIO, escultura
Barro
Século XX
Nicho público, lugar de Tomadias,
Santa Comba

27. SANTO ANTÓNIO, escultura
Barro
Século XX
Capela de Santa Bárbara, Custoias

28. SANTO ANTÓNIO, escultura
Barro
Século XX
Capela do Pocinho, sacristia

29. SANTO ANTÓNIO, escultura
Barro
Século XX
Capela do Pocinho, altar-mor

30. SANTO ANTÓNIO, escultura
Terracota (?)
Século XX, meados
Capela de Santo António, Quinta da Bela Vista

31. SANTO ANTÓNIO, escultura
Madeira policromada
Século XX
Braga: Casa Fânzeres
Igreja Matriz de Castelo Melhor, altar-colateral